



A MISSÃO DA MULHER NO MUNDO MODERNO

I - Introdução: Uma missão essencial num mundo que muda

Acentuam-se cada vez mais as interrogações que a humanidade formula sobre o destino da civilização em que vivemos. Fruto de jogo político ou da convergência de circunstâncias fortuitas, avolumam-se problemas locais, surgem inesperadamente inquietações onde a calma era norma, propagam-se com velocidade alucinante ódios, mentiras, erros da inteligência e do sentir dos homens.

Simultaneamente acentua-se o domínio do homem sobre as coisas criadas, afinam-se as técnicas de todos os sectores, abrem-se novas perspectivas de bem-estar material e de progresso.

Vem do mundo inteiro, da Europa gasta e racionalista, da América irrequieta e jovem, da Ásia misteriosa e densa, da África vibrante e emocional (da África que "atravessa hoje talvez os momentos mais decisivos da sua história milenária") vem dos lábios de todos os homens, de todas as raças e de todas as culturas, um apelo que se dirige individualmente a cada ser humano. E esse apelo é um apelo de verdade - verdade na vivência do destino próprio de cada ser. É este o tema central desta conferência: QUAL A VERDADE DA NOSSA RESP
POSTA COMO MULHERES AO MUNDO DE HOJE?

O escritor brasileiro Gustavo Corção, no livro "As fronteiras da Técnica", critica deste modo essa resposta: "(as mulheres) vieram ao nosso encontro. A última guerra viu mãos femininas nos torres mecânicos e no controle dos aviões de bombardeio. E essa situação ainda continua. Elas vieram ao nosso encontro, mas o seu percurso tem sido apenas numérico, quantitativo, mecânico. Vieram ao nosso encontro como pessoas, como braços, como cabeças, mas não vieram como mulheres. O coro das vozes engrossou, mas não se tornou mais harmonioso. O conjunto de gestos se multiplicou, mas não se tornou mais ordenado. Vieram ao nosso encontro para fazer as mesmas coisas. Com os mesmos gestos.

E, se vieram fazer o que nós fazemos, é forçoso convir que se declararam derrotadas naquilo que as diferencia de nós.....
.....O mundo, com essa contribuição da mulher, arrisca-se ao

mais terrível dos cataclismos: a ficar reforçado na quantidade e mu-
tilado na qualidade".

Antes do mais, exprime o escritor uma verdade essencial: a
resposta da mulher ao mundo, a sua presença tem de revestir tonali-
dade própria para ser autêntica e eficaz. Mas diz mais: supõe que a
mulher conhece e vive aquilo que a diferencia do homem e se "especi-
aliza" nessa diferenciação. Implícitamente o escritor afirma que a
mulher tem uma missão específica no mundo.

Esta afirmação, que nos parece ridícula de tão evidente ,
contém em si potencialidades inesperadas e é para cada uma de nós ,
mulheres, a medida da nossa realização humana e do nosso contributo
pleno e autêntico para o advento do Reino que é o sentido último do
nosso destino sobre a terra.

-x-x-x-x-

Para além de todas as contingências de tempo e de lugar ,
a mulher é chamada a uma missão bem definida sobre a terra. Pode di-
zer-se que a mulher se realiza na medida em que consciencializa essa
missão, se não nos seus fundamentos teóricos, então nas suas in-
plicações concretas.

Não é de hoje essa missão. Através das vicissitudes das
civilizações, há um denominador comum, que é já no plano natural e
no balbuciar dos homens a imagem da ideia completa de Deus sobre a
mulher.

Não é o mundo moderno, por muito complexos e presentes que
sejam os problemas que põe, que nos leva a formular essa missão. A
missão da mulher não é determinada na sua essência pelas circunstân-
cias. Existe fora do tempo, correspondência ao pensamento de Deus
criando a "segunda metade do ser humano".

Uma constante universal se mantém ao longo dos tempos e é
nessa constante que podemos encontrar a resposta específica da mu-
lher ao plano de Deus. Antígona ou Andrómeda, na imprecisão dos va-
lores naturais, como Tereza de Ávila e Isabel da Hungria, na pleni-
tude das virtudes cristãs, são presença dos mesmos valores essenci-
ais que a mulher do nosso tempo tem de incarnar.



Mas não pode bastar no mundo de hoje a intuição desses valores. A entrada da mulher no mundo do trabalho (só nos Estados Unidos a mão-de-obra feminina constitui 1/3 da população activa), a perturbação dos quadros tradicionais em que a mulher se movimentou durante séculos, a introdução na vida social de novos tipos de relação e de novas estruturas, a desorientação provocada por uma civilização técnica que ainda não foi integrada numa síntese cultural forte, tornam agora necessária a definição rigorosa da missão da mulher, no seu conteúdo teológico e na sua expressão sociológica.

A própria multiplicidade das formas que reveste a presença da mulher no mundo moderno requer essa definição. São, sem dúvida diferentes as condições da mulher na Europa ou na África. Diferentes graus de integração na vida social, civilizações resultantes de processos históricos distintos, culturas assentes em valores diversos. E, no entanto, uma mesma missão, a salvaguarda dos nossos princípios espirituais no mundo. É na medida em que cada mulher de cada raça e de cada tipo de cultura estiver mais consciente da sua missão essencial e comum que pode dar à civilização em que está integrada um contributo mais autenticamente feminino, na originalidade dos valores e das situações em que lhe é dado viver.

A consciência desta missão parece ser especialmente requerida no estado actual da civilização africana. Na verdade é tempo, ainda para que a mulher africana colha da civilização ocidental a lição da experiência. Seguirá caminho errado se se emparejar na luta por uma igualdade de direitos conduzindo a uma ilusória igualdade de tarefas na vida social. O que importa é que na base do reconhecimento de idêntica dignidade do homem e da mulher, a mulher procure o seu lugar específico no mundo, profundamente consciente de que a sua missão, resultante de uma vocação própria, é indispensável para a plena harmonia da humanidade segundo o plano de Deus.

É evidente que ao falar em missão específica da mulher não se tem em vista uma exclusividade de funções. É à mulher que cabe salvaguardar determinados valores, mas não lhe pertence o monopólio - ao contrário, a sua missão consiste em despertá-los na humanidade inteira.

-X-X-X-X-

A missão da mulher não pode hoje definir-se em meia dúzia de palavras. Nem tão pouco é possível reduzi-la a uma série de tarefas concretas que se imporiam uniformemente às mulheres do mundo inteiro. Aquém dos campos de acção, está a atitude interior, a resposta vocacional. Anterior ao fazer, está o ser.

Tal definição não pode resultar de conceitos mais ou menos arbitrários, unicamente baseados numa experiência particular e, portanto, incompleta. São dados objectivos que procuramos e não meras interpretações líricas. Só deles pode resultar o compromisso de todo o ser e portanto a eficácia da acção no mundo.

O primeiro dado objectivo que possuímos é a própria Revelação. Por isso, para estudarmos a mulher, temos de recorrer à Sagrada Escritura e à Teologia. São pedras angulares da definição do ser feminino: O Génesis, Nossa Senhora e a Igreja.

Ao incarnar porém nas várias situações concretas, a vocação da mulher envolve dados de outras ordens. Por isso a psicologia, a sociologia, a filosofia, a fisiologia, a história, a literatura têm também algo a dizer, "fornecendo à Teologia a base dos conhecimentos profanos experienciais".

Fundação (Cuidar o Futuro

Mas não é unicamente o trabalho de estudo e investigação que nos dá uma resposta. Pelo mundo fora, nos vários caminhos da vida, no casamento e na consagração a Deus, nas várias profissões e sectores da actividade, a mulher procura através da sua própria experiência a descoberta, por vezes dolorosa, da sua missão específica. Para além das fronteiras, encontram-se as mulheres de todas as culturas, numa grande corrente que se dirige para a descoberta da missão comum.

As notas que se seguem são o ponto de encontro de alguns aspectos dessa descoberta comum e de elementos do que poderia chamar-se com alguma impropriedade "uma teologia da mulher".

II - A mulher no plano de Deus

Criada com dignidade igual à do homem ("E Deus criou o ho-

(1) - Mensagem do Santo Padre ao Congresso de 1950 da Pax Romana

mem à Sua imagem e semelhança; homem e mulher criou-o Deus"), a mulher tem como ele o fim último de render glória a Deus na realização máxima da sua liberdade. A triplíce vocação de "ser imagem de Deus, colaborar na obra criadora e dominar a terra" (2) foi dada de igual forma ao homem e à mulher e aí reside o essencial da sua vocação. Na verdade todo o texto do Génesis a que me refiro se, por um lado, estabelece bem nítida a dignidade fundamental dos dois sexos, por outro lado acentua a sua diferenciação.

Tal como o homem, a mulher é imagem de Deus, do Seu amor, inteligência, sabedoria... da harmonia perfeita do ser. Mas imagem diferente, revelando, através do limitado da criatura, aspectos novos da riqueza infinita de Deus. Se cada ser na criação é símbolo de um valor presente em Deus, o ser humano - homem e mulher - ao ser imagem diferenciada revela também realidades diferentes do Ser.

Tal como o homem, a mulher é colaboradora de Deus na criação, suscitando a vida e dando-lhe continuidade. Mas enquanto o processo criador do homem o torna símbolo de Deus Pai na iniciativa e determinação com que desperta a vida, na mulher essa colaboração identifica-a por um lado com todo o universo criado e de forma especial com a humanidade perante o Criador, e, por outro lado, torna-a símbolo do Espírito Santo, enviado do Pai, consolador e alimento da vida.

Tal como o homem, a mulher domina todos os seres criados. ("...tudo é vosso; mas vós sois de Cristo e Cristo de Deus"). Mas enquanto ao homem cabe a missão de dar um nome a todos os seres (símbolo do conhecimento e do domínio pelo trabalho), à mulher cabe dominar pelo próprio lugar que ocupa na série da criação, integrando o universo como um todo e os seres individualmente na ordem querida por Deus.

Logo no Génesis, após a criação de Adão, depois de Deus lhe ter dado todos os seres criados, ouvimo-l'0 dizer: "Não é bom que o homem esteja só". Ao considerar a própria obra, Deus meditará consigo mesmo a correspondência entre a criação e o pensamento que a gerara. A harmonia do universo segundo a ordem estabelecida por Deus, a plenitude do ser humano como imagem de Deus falta ainda

(2) "La femme et sa destinée", Edith Stein

algo. E Deus cria a mulher.

Ultimo ser criado por Deus, a mulher vem assim totalizar a obra começada, integrando-a, pela sua simples existência, no plano divino. Por isso de algum modo se pode dizer que a mulher vem dar acabamento e perfeição às obras criadas, e, duma forma especial, integrar na ordem divina os valores humanos. Ou, usando uma linguagem mais simples (a própria linguagem do Génesis!), a mulher vem ser a companheira do homem ajudando-o, mesmo só pela presença, a orientar-se para Deus. Essa plenitude do ser humano que se encontra a si mesmo é de resto evidente na exclamação jubilosa de Adão quando Deus trás Eva à sua presença: "Eis aqui agora o osso de meus ossos e a carne de minha carne".

E no simbolismo que acompanha a sua criação, -- que a mulher é imagem de uma faceta particular do Mistério da Santíssima Trindade. A sua vocação primeira é a de ser resposta, receptividade, entrega, doação.

Cabê-lhe figurar, em símbolo, a humanidade inteira na sua atitude de receptividade perante Deus, sendo já hoje, no seio da sociedade, garantia da atitude que só atingirá a sua plenitude quando os homens todos, congregados no mistério da unidade de todas as nações, realizarem, na sua expressão mais completa, a união de Cristo com a Sua Igreja.

Esta missão de dar acabamento e plenitude às coisas criadas não é, de resto, mero símbolo do Antigo Testamento. Em Eva é figura da realidade total que em Nossa Senhora se cumpre.

Pensada desde toda a Eternidade para ser a Mãe do Verbo Incarnado, Nossa Senhora está profundamente ligada ao Mistério da Trindade. Nossa Senhora é aquela que, pelo seu Fiat, torna possível a Encarnação. É nela pois que adquire sentido pleno a missão de integração dos valores humanos na ordem divina. É nela que a atitude de receptividade e entrega é total.

O Fiat de Nossa Senhora é a expressão mais perfeita da criatura perante o Criador. Nela ganham forma as vozes de todas as coisas inanimadas que só por serem louvam o Senhor. Nela



la está presente a humanidade inteira, na aceitação consentida e na disponibilidade confiante. E nela está presente dum forma especial a mulher. O "Fiat mihi" tem uma totalidade profundamente feminina, de aceitação de que nela se cumpra o mistério da vontade de Deus, na doação de todo o ser.

Mas a ordem nova, que o Fiat de Maria tornou possível, não é resultado de uma adesão fria. A ordem nova é o reino da Cruz. Por isso a missão da mulher reveste um sentido mais profundo: ela é o símbolo e garantia da atitude de receptividade e doação plena de um que se totaliza na Cruz. ("Cristo fez-se por nós obediente até à morte, e morte de Cruz").

Não basta pois, após a Revelação, falar vagamente numa missão de integração dos valores no plano de Deus e de orientação do homem para Deus. É através da Cruz que a mulher agora tem de realizar essa missão. (Já de algum modo a presença constante das santas mulheres na Paixão é uma indicação concreta dessa missão específica).

É através desta missão que a mulher se insere profundamente na Igreja. Com efeito, à Igreja cabe hoje, durante este tempo em que se forma o Cristo total, dar acabamento e plenitude à missão redentora que Cristo realizou substancialmente uma vez por todas durante a Sua presença histórica sobre a terra.

A mulher participa assim da missão da Igreja dum forma especial. Não admira por isso que, ao longo de toda a Sagrada Escritura, a Igreja seja sempre referida em termos do ser feminino.

Dentro da Igreja e na perspectiva da Cruz, a missão da mulher reveste uma expressão sacrificial, paralela à missão do homem que se totaliza no sacerdócio. Claudel exprime esta ideia, dizendo: "Le mâle peut devenir prêtre mais ce n'est pas défendu à la femme d'être victime". Daí que o espírito de serviço, o sacrifício desinteressado, a reparação e, acima de tudo, a consagração total da pessoa humana na oferta de todos os dons e potencialidades, sejam valores que a mulher incarna no seio da humanidade.

-X-X-X-X-

Acabamento, perfeição, plenitude, sob a Cruz e no amor, tal é a missão da mulher. Mas que significam tais expressões concretamente?

Há nesta missão duas características fundamentais: a integração e a totalidade.

Não pode a mulher ser princípio de divisão, mas antes caminho para a unidade, inspiração para a síntese. Sendo a própria fonte onde a vida se forma, a sua missão de dar acabamento é uma missão de unificação e de integração.

Antes do mais, cabe-lhe continuar a missão de Nossa Senhora ajudando a encaminhar a humanidade inteira ao encontro da unidade perdida. Dentro duma Igreja em marcha, que ao longo dos tempos prepara o manto multicolor com que há-de aparecer perante o Cordeiro no fim da história, a mulher tem de ser o apêlo constante à construção dessa unidade de todos os povos.

Cabe-lhe ser, na vida toda, o exemplo da integração de todos os valores na economia da Cruz. Uma vida que, em pouco tempo, solicitada por tantos e tão diversos interesses, na dispersão da cultura e das actividades, no ritmo alucinante do trabalho e dos divertimentos, a mulher tem de ser o polo de unidade, onde a vida se renova e se refaz.

É nesta integração que a mulher tem de manter-se como salvaguarda dos valores de permanência que justificam o homem e são a garantia humana da estabilidade da Igreja e do exercício da sua missão apostólica. Enquanto o homem está votado aos valores de invenção com que se constroi o progresso, a mulher conserva, guarda, protege, transmite. Por isso, estando no tempo, ela transcende o tempo (1).

A integração, para ser real, implica a totalidade dos valores. Daí o character universal da missão da mulher, quer na projecção das tarefas que realizar, quer (e sobretudo!) na atitude de amor com que há-de abarcar todos os seres. É à mulher que cabe amar todas as criaturas, para além de classes, fronteiras ou raças. É nessa universalidade do amor que ganha conteúdo profundamente humano a missão de integração de valores que foi confiada à mulher.

(1) - "La femme éternelle", G. von Le Fort



Esta profunda participação na obra da Redenção, através de valores de totalidade, implica na alma feminina duas atitudes essenciais: a atitude virginal e a atitude maternal.

A atitude virginal da mulher é a expressão mais completa da feminilidade. Símbolo da humanidade, a mulher afirma de forma iniludível a suprema dignidade da pessoa humana através da consagração a Deus na virgindade. Ao parecer quebrar a cadeia entre as gerações, mais não faz do que dar-lhes o suporte indispensável, afirmando que a pessoa humana vale por si mesma, independentemente da sua contribuição para a propagação da espécie ou para o progresso da humanidade.

A atitude maternal, feita da totalidade da vida e da universalidade do ser, gera a fecundidade e a estabilidade do amor. Como acentuou recentemente a Presidente Internacional do Graal, "o mistério da maternidade é um mistério de fecundidade: amor fecundo no transmitir da vida, amor fecundo no alimentar da vida e no levar dessa vida à sua maturidade plena".

A atitude virginal e a atitude maternal exigem porém uma condição essencial: ao interiorizar-se como pessoa livre de toda a relação humana e ao dar-se no amor total e fecundo, a mulher tem de estabelecer um diálogo profundamente pessoal com Cristo, participação consciente e simbólica da atitude da Igreja inteira, como Esposa do Verbo.

Esta relação pessoal que a faz participar da comunidade de amor que é a Trindade, há-de a mulher reflecti-la depois socialmente, sendo sempre inspiração e elemento de cooperação, convite ao diálogo das almas, na singularidade das pessoas.

Através desta tríplice atitude, a mulher é salvaguarda dos valores religiosos e da dignidade da pessoa humana, exprimindo a doação submissa e plena de amor da criatura ao Criador.

III - A missão específica da mulher no mundo

A mulher é tanto mais mulher quanto mais unificar em si essas três atitudes, como garantia dos valores que é chamada a sim-

bolizar no mundo. E essa consciência do plano de Deus sobre o seu próprio destino, e o aprofundamento constante do seu conteúdo espiritual são o aspecto essencial da missão da mulher.

Não é possível uma acção real, profundamente feminina, quando não resultar de uma gestação interior, da doação generosa, do diálogo pessoal.

Para além dos objectivos concretos que o mundo moderno reclama da acção feminina, a presença da mulher tem de ser o apêlo constante dos valores espirituais, da resposta amorosa da humanidade a Deus na alegria redentora da Cruz.

Numa sociedade em evolução rapidíssima como é a africana, seria fácil pensar que a missão da mulher se restringe às múltiplas e ingentes tarefas que a chamam. No processo de desenvolvimento que se está realizando neste continente, corre-se o risco de autonomizar os valores da técnica e do progresso material. Antes de qualquer acção e como suporte de toda a presença verdadeiramente feminina na sociedade, é necessário que a mulher pela sua simples presença seja um convite aos valores espirituais.

É evidente Fundação Cuidar o Futuro que esta atitude interior há de traduzir-se exteriormente numa participação na vida íntima da Igreja. A sua missão de dar acabamento aos seres e de os levar a inserirem-se na ordem divina não tem outro sentido que o da participação profundamente vivida na missão apostólica da Igreja. Todas as tarefas concretas que é chamada a realizar hão-de, por isso, ser vistas a essa luz.

A mulher tem de revelar, em todos os estratos sociais e em todas as actividades humanas, a imagem da Igreja, viva, na sua realidade amorosa e maternal. Em regiões onde a Igreja está ainda em missão, a sua responsabilidade assume aspectos novos e redobrada urgência. A incarnação do cristianismo em diferentes culturas, a criação dum clima cristão de vida, são fundamentalmente vocação da mulher.

Em África, a reserva e o mistério que envolvem a mulher, a sua profunda intuição dos símbolos, são elementos indispensáveis para a vivência do cristianismo, mistério central rodeado de símbolos. Cabe-lhe descobrir em cada costume da civilização africana o



princípio religioso que aí esteja eventualmente presente e assumi-lo no cristianismo. Cabe-lhe tornar o cristianismo vivo, inseri-lo de forma estável na vida. Salvaguarda dos valores de permanência, à mulher cabe criar as estruturas e as condições em que a vida cristã pode serenamente fortificar. Numa sociedade como a africana, ainda tão eivada de paganismo, a conversão das almas tem de ser acompanhada, mais do que em qualquer outro continente, da conversão das estruturas que tornam possível a constância na fé.

A vocação de amor que caracteriza a mulher exige que ela seja a garantia, no plano da realização humana, da comunidade de amor que é a Igreja. Aos laços fortíssimos da tribo ou do clã não é possível opôr secamente uma doutrina que afirma o primado da pessoa sobre o grupo ou a unidade da família. Mas é possível revelar e tornar apetecida uma comunidade de amor ainda mais forte que integra os laços existentes num cristianismo profundamente mergulhado na vida. A contribuição da mulher para a criação dessa comunidade é insubstituível.

Sendo a comunidade de amor na sua expressão mais total, a Igreja não aniquila o indivíduo. Pelo contrário, é na Igreja que a pessoa humana atinge a plenitude da sua singularidade. É a mulher salvaguarda da suprema dignidade da pessoa humana, nas múltiplas relações sociais. Totalizando-se essa missão na consagração a Deus, torna-se evidente a importância da vocação de consagração na sociedade africana, podendo dizer-se que a estima que uma sociedade tem pela virgindade é a medida do lugar que nela ocupa a pessoa humana.

-x-x-x-x-

Em que sectores se concretiza essa missão? Da teoria exposta, das necessidades do mundo moderno e do próprio ensinamento do Santo Padre (1), podemos referir como mais prementes algumas esferas de acção.

1) - Salvaguarda da família - É através da família que normalmente a mulher realiza em grande parte a missão que lhe cabe. Ca

(1) - V. "Le Problème féminin", col. "Les Enseignements Pontificaux".

bê à mulher garantir a santidade da família pela sua unidade e indissolubilidade. Para que tal estabilidade familiar exista, são necessárias condições sociais adequadas que à mulher cabe, de forma especial, construir e estabelecer. É preciso que a família seja na sociedade a célula-base, acima de qualquer outra estrutura. Um trabalho de educação e de direito está por fazer em África no sentido de levar a família à sua pureza essencial, sem no entanto comprometer o enquadramento natural na tribo ou no clã.

O lugar da mulher dentro do matrimónio reveste dois aspectos particularmente importantes em África: o problema do dote e a poligamia.

Em relação ao primeiro, é indispensável que a mulher saiba restituir ao dote o valor simbólico e religioso que o caracterizava na primitiva sociedade africana (1), tornando-o, de simples e repulsiva compra, num instrumento de dignificação da mulher como fonte da vida e como elo entre as gerações.

Quanto à poligamia (resultante da necessidade de novo e de diferente que há na natureza humana), para além de todas as leis que a possam condenar e evitar, é indispensável que os casais cristãos, e em especial os europeus, sejam um testemunho do matrimónio que, numa profunda união espiritual, descobre a frescura de um encontro sempre renovado.

Ao condenar a poligamia, não se lhe pode opôr a família ocidental, mas a família cristã. A mulher em África tomará, pois, a seu cargo a campanha intensa contra o divórcio e contra tudo o que possa contribuir para a desagregação familiar.

2) - A educação da juventude e, em especial, da juventude feminina - A missão de transmissão de valores que cabe à mulher realiza-se duma forma imediata na educação da juventude. Quando numa só geração se vencem séculos de tradições e hábitos estabelecidos, a educação da juventude que sofre essa evolução torna-se o problema nº 1 da sociedade. É indispensável que em África a mulher esteja apta a estabelecer o elo entre duas gerações que pouco têm de comum e a orientar a juventude no aproveitamento máxi

(1) "La condition humaine en Afrique noire"



mo dos novos valores dentro do quadro cultural a que, por vocação de africanos, foram chamados.

Esta adaptação da juventude é especialmente importante no caso da juventude feminina. É necessário que as raparigas africanas adquiram a educação que lhes permita cumprir a sua missão de mulheres na vida social e familiar. É preciso que o acesso a todos os níveis de educação seja um facto para a rapariga africana. Mas não é menos importante que essa educação vise à formação de autênticas personalidades femininas.

3) - Promoção social - Em meio de todo o progresso técnico que vertiginosamente procura o aproveitamento máximo dos recursos naturais do solo africano, cabe à mulher a missão especial de levar cada pessoa a viver segundo um nível verdadeiramente humano. Cabe-lhe impedir que se estabeleçam no actual processo de desenvolvimento económico em África diferenças sociais injustas como se encontram em outros continentes.

Cabendo-lhe contribuir para a boa distribuição das riquezas, como meio básico duma ordem social justa, é evidente que a preocupação vaidosa do luxo ou da exploração das classes menos favorecidas é uma traição fundamental à sua missão. Neste sentido, a missão da mulher europeia em África é particularmente importante.

Paralelamente ao desenvolvimento económico, processa-se em África um movimento de emancipação política que, sendo justo na sua origem, corre, porém, o risco de se converter em fomentador de ódios entre as raças. É na medida em que as mulheres brancas e negras souberem ultrapassar todas as diferenças que as caracterizam e viverem em amor, para além da raça ou cor, no seio da ampla comunidade humana, que estarão a construir a paz no continente africano.

4) - Ambiente moral e cultural - Apêlo dos valores espirituais, a mulher tem de ser na vida social salvaguarda da pureza. São os costumes que no quotidiano, nas múltiplas relações entre os homens, formam o ambiente cultural e moral da sociedade. É através de les que a mulher pode encaminhar a juventude para uma vida construída na profunda convicção de que o homem tem na terra a suprema dignidade de ser imagem de Deus.

As relações entre os dois sexos, os divertimentos postos à disposição das grandes massas, os imperativos da moda, a crescente facilidade do comportamento moral, são outros tantos sectores em que a mulher tem uma acção decisiva e única a realizar.

Estando a vida moral intimamente ligada à concepção que o homem se faz da vida e do seu lugar no mundo, o campo da promoção cultural não pode tão pouco ser alheio à acção da mulher. A atitude maternal da mulher perante a humanidade tem de levá-la a procurar a valorização cultural do ser humano. Atenta aos valores que permanecem através das gerações, cabe à mulher africana alimentar e desenvolver os valores que caracterizam a civilização africana, e à mulher europeia em África ajudar o povo africano a descobrir a sua própria síntese cultural.

5) - Paz internacional - Mergulhando fundo na dimensão universal da Igreja e na sua inquietação apostólica, a mulher é especialmente chamada a contribuir para a paz internacional. Cabe-lhe criar um clima de entendimento entre os homens, que possa conduzir a uma influência real nas instituições cuja missão é assegurar a paz internacional.

A corrente de internacionalismo que percorre o mundo, a mulher tem de dar o suporte profundamente pessoal do encontro das almas para além das fronteiras e das diferenças de culturas.

Esta acção para a paz internacional pode realizar-se através de três sectores: 1) o afinamento da vida política nacional, a que a mulher dará o seu contributo através da sua acção específica; 2) o trabalho em organismos especializados que, no plano neutro, contribuem para o entendimento entre os homens. Nesta perspectiva, a presença das mulheres europeias em África pode valorizar-se muito mais; 3) presença e compromisso em organismos internacionais católicos, que procuram ser, nos vários sectores da vida internacional, a presença viva da Igreja através dos leigos. Para algumas mulheres, este trabalho ao serviço da Igreja universal pode ser o apêlo a uma consagração total, origem de uma fecundidade apostólica sem limites.

O laicado missionário, como expressão última do compromisso



so leigo ao serviço da Hierarquia em terras de missão, é um sector em que a mulher europeia em África pode realizar da forma mais profunda esta visão da Igreja universal.

IV - Os Organismos femininos de apostolado e a missão da mulher

Cabe a todos os Organismos femininos de apostolado um trabalho de formação da mulher, levando-a a descobrir o sentido profundo da sua vocação e as dimensões últimas da sua missão no mundo.

Sendo um trabalho de formação, não é menos um meio de acção apostólica. Na verdade, a descoberta da vocação da mulher será também uma descoberta da verdade da pessoa, da sua natureza íntima, e, aí, uma possibilidade maior de descoberta de Deus.

É por isso que um movimento feminino terá sempre características próprias, se não nos fins últimos que o orientam ao menos nos modos de realização. É sobretudo indispensável que, além da formação nos sectores em que a mulher é chamada a cumprir de forma específica a sua missão, os Organismos femininos empreendam uma acção intensa nos seguintes pontos:

1º - Noção exacta da missão da mulher: é necessário que, por uma acção sistemática, se destruam os mitos com que a mulher se envenena na civilização ocidental. Em África, é necessário que a mulher seja mais do que unidade de produção, voltando à concepção da missão maternal da mulher, existente na primitiva sociedade africana. Interessa educar as mulheres africanas na profunda convicção, alheia a qualquer complexo já ultrapassado, de que não é como cópia do homem que a mulher se realiza, mas como explicitação da sua originalidade própria.

2º - Campos de acção para a mulher: importa descobrir meios de acção onde a mulher se realize como tal. À medida que a humanidade progride e a civilização se aperfeiçoa, novas e mais diferenciadas tarefas se vão abrindo à acção específica da mulher. É preciso que no crescente movimento de promoção da mulher africana esta seja orientada para aqueles sectores em que a sua acção é verdadeiramente insubstituível.

3º - Cultura integral: é preciso desenvolver uma cultura humana e não humanista, isto é, uma cultura que seja sobretudo a expressão duma filosofia da vida e que comprometa o Ser total em vez de comprometer unicamente o cérebro. Só numa cultura deste tipo a mulher pode valorizar-se e, por seu turno, dar à sociedade o contributo que esta dela espera.

4º - Apêlo à doação generosa: pelo compromisso que exigem na acção pela vida interior que supõem, os movimentos femininos de apostolado devem ser um apêlo a uma inspiração à doação generosa ao serviço da Igreja. Neste sentido, estarão contribuindo da forma mais real para a presença autêntica da mulher no mundo, na plenitude da sua missão.

-X-X-X-X-

Fundação Cuidado e Futuro MARIA DE LOURDES PINTASILGO ,
membro do Graal Internacional